

# Robert Misrahi: Por uma ética da felicidade

*Robert Misrahi: Pour un éthique du bonheur*

Prof. Dr. Luis Claudio PFEIL  
(Sorbonne) UERJ

## Resumo

O presente estudo trata-se de uma análise da ética do professor Robert Misrahi (Sorbonne). Seu pensamento, influenciado pela filosofia de Espinosa, gira em torno dos eixos ética e felicidade.

**Palavras-chave:** ética, felicidade, Robert Misrahi.

## Résumé

*La présente étude s'agit d'une analyse de l'éthique du professeur Robert Misrahi (Sorbonne). Sa pensée, influencée pour la philosophie d'Espinosa, tourne autour des axes moral et du bonheur.*

**Mots-clé:** éthique, bonheur, Robert Misrahi.

Robert Misrahi é um pensador fecundo e original. Professor de ética na Sorbonne, atualmente aposentado, é especialista em Espinosa (traduziu para o francês a *Ética*<sup>1</sup> e a *Correspondência*<sup>2</sup> de Espinosa, escreveu vários livros e artigos sobre ele<sup>3</sup>), autor igualmente de várias obras sobre o Sujeito e o Desejo<sup>4</sup>. Preocupado essencialmente com a questão da existência concreta, Robert Misrahi orienta sua reflexão sobre dois eixos fundamentais: uma reflexão profunda sobre Espinosa, e uma reflexão ética sobre a felicidade. É essa proposta de Misrahi de uma ética da felicidade que proponho-me a esboçar.

## 1. A filosofia segundo Robert Misrahi

Começemos pois com a idéia que Robert Misrahi se faz da filosofia. Em primeiro lugar, a filoso-

fia é um trabalho conceitual, mas ela não se reduz, como o faz Deleuze, a uma simples criação de conceitos. Não se trata pura e simplesmente de criar conceitos, mas sim de utilizar a razão: filosofar é portanto

<sup>(1)</sup> *L'Éthique*, de Spinoza, Paris, P.U.F., 1990, 1993.

<sup>(2)</sup> *Correspondance de Spinoza* in *Oeuvres Complètes*, La Pléiade, 1954.

<sup>(3)</sup> Spinoza. *Introduction et choix de textes*, Paris, Seghers, 1964; *Le désir et la réflexion dans la philosophie de Spinoza*, Gordon and Breacht, Paris, 1972; *Spinoza. Le système du monde, la réalisation de soi et la félicité*, Ed, Jacques Grancher, 1992; *Préface au Traité Politique de Spinoza* (Éthique philosophique et Théorie de l'Etat, Gallimard, Folio, 1994); *Le corps et l'esprit dans la philosophie de Spinoza*, ed. Synthélabo, 1992; *L'Être et la joie. Perspectives synthétiques sur le spinozisme*, Encre marine, 1997.

<sup>(4)</sup> Citamos alguns títulos: *Traité du bonheur*, I et II, Seuil, 1983; *Les actes de la joie*, Paris, P.U.F., 1987; *La problématique du sujet aujourd'hui*, Encre marine, 1994; *Existence et démocratie*, Paris, P.U.F., 1995; *Lumière, commencement, liberté*, Paris, Seuil, 1996; *La jouissance d'être, le sujet et son désir*, Encre marine, 1996.

uma atitude racional, um movimento, um trabalho de conhecimento do mundo. Sinônimo de ciência? Sim, mas não no sentido coisificante, cientificista, empobrecedor da palavra — aqui cabe lembrar a crítica magistral que faz Edmund Husserl da crise das ciências e do cientificismo do séc. XX (cf. *La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendantale*, Gallimard, 1989) -, mas ciência, poder-se-ia dizer, no sentido platônico, hegeliano, espinosista, husserliano, ciência com “C” maiúsculo, isto é, a idéia de um conhecimento absolutamente fundamentado do mundo. Mas para quê *conhecer o mundo*? Misrahi responde: para utilizar esse conhecimento do mundo para uma melhor organização da existência, da vida humana. Essa orientação da existência e da ação, é o que Misrahi chama de *ética*. Portanto, no seu entender, a filosofia é ética, e a ética é toda a filosofia. Ou seja, a filosofia - no entender de Misrahi - é destinada a mostrar como viver melhor. Se ela não for capaz disso, diz Misrahi retomando o dizer de Pascal, “ela não merece nem uma hora de esforço”. E *como viver melhor*? Primeiramente, é preciso começar a compreender como são as coisas, o que é o mundo, o que é o ser humano. Aqui já se evidencia o núcleo do pensamento de Misrahi, a saber: não se pode separar conhecimento e reflexão sobre si. Por esse motivo, Misrahi compreende a filosofia como uma antropologia filosófica. Ora, a reflexão sobre si pode começar de modo muito simples: *o que eu desejo fazer, por que estou aqui, por que exerço essa profissão, o que faço da minha vida?* etc. Essas interrogações, diz Misrahi, são a essência da condição humana. A condição humana, diz ele, é uma reflexão de um indivíduo concreto que tem a capacidade de estar presente a si mesmo e de poder se interrogar a respeito de sua própria presença. Portanto, todo mundo pode refletir, colocar questions simples e torná-las cada vez mais complexas. Eis o filosofar. E o papel fundamental da filosofia deve ser o de aportar instrumentos de clarificação — clarificação e não de injunção — para a ação. Clarificação e abertura de um futuro.

L.C. PFEIL

## 2. Favorecer o poder da reflexão: o elo democracia-cultura

Evidentemente, o poder de reflexão se aprende e se amplia com a educação, com o exercício do pensamento, com a cultura. *Grosso modo*, quanto mais cultura, mais instrumentos de reflexão, quanto menos cultura, menos reflexão. Daí o elo intrínseco democracia-cultura: o desenvolvimento da democracia é, ao mesmo tempo, o desenvolvimento dos instrumentos de cultura destinados a todos, afim de que todos possam desenvolver sua faculdade essencial de refletir e desejar uma vida feliz. Eis porque, a filosofia não é imediatamente acessível. O acesso à filosofia é entravado, segundo Mishari, por dois fatores basicamente: por um lado, os filósofos se acham na obrigação de utilizar um vocabulário técnico, obscuro, hermético — o que Misrahi recusa -, e por outro lado, o obstáculo reside na falta de cultura, de leitura, de trabalho conceitual. Daí o papel das escolas, universidades e, naturalmente, da política. Reflexão e vida política são portanto indispensáveis.

## 3. O gozo de ser: sujeito e desejo

Uma de suas obras mais marcantes intitula-se *La jouissance d'être, le sujet et son désir* — “O gozo (ou fujão) de ser, o sujeito e seu desejo”. O título diz bem “gozo de ser”: não é gozo *do* ser (que implicaria numa conotação metafísica, a qual Misrahi recusa), é gozo *de* ser. E é precisamente o gozo *de* ser que Misrahi reclama como sua filosofia do sujeito. Trata-se de uma concepção do sujeito que nada tem a ver com as concepções tradicionais de sujeito. Nada. Por que? Pelo seguinte. Quando se diz sujeito — aqui, por exemplo, pode-se aludir à obra de Paul Ricoeur — imediatamente se evoca Descartes. Mas também Kant, ou ainda Husserl. Ou seja, de maneira geral quando se diz sujeito, entende-se sujeito racional, fundamento do conhecimento. E o desejo é excluído. Quando muitos contemporâneos — dessa vez não os filósofos — mas os antropólogos, os psicanalistas, falam de desejo eles imediatamente remetem o sujeito, ou pelo menos uma parte do dese-

jo, ao Inconsciente. Seja como for, todos eles fazem uma diferença entre sujeito e desejo – em si mesmos, não são vistos como idênticos – e tentam aproximá-los na existência. Diz-se então que é preciso *tornar-se sujeito de seu desejo*. Entendem assim que há o desejo, em grande parte inconsciente, e há o sujeito mais ou menos estruturado em algum lugar. Então, diz Misrahi, acontece o seguinte: de maneira geral, os filósofos, antropólogos e psicanalistas contemporâneos vêem algo essencial, a saber, que a parte mais importante da existência humana é afetiva e não racional. Mas a partir dessa base essencial, diz Misrahi, eles incorrem num contrasenso: por um lado, já que o sujeito – pensam eles – é a razão, é Descartes, é Kant, é o sujeito racional, o sujeito plenamente dono de si, e por outro lado, constata-se que a parte essencial da existência humana é a afetividade, a paixão, a infelicidade, o sofrimento, a dependência, etc., então conclui-se – e nisso reside para Misrahi o contrasenso – que não é o sujeito que conduz sua existência. O erro consiste em considerar – erroneamente – que uma filosofia do sujeito é uma filosofia da razão. É contra essa idéia que Misrahi se insurge. E ele vai mudar a definição dos termos, ou melhor – como ele mesmo diz – vai reencontrar a verdadeira definição dos termos: o sujeito é o que está *sob* todos os nossos pensamentos, atividades, paixões, desejos. O sujeito é o núcleo, ao mesmo tempo central e fundamento, é a *substância* da existência (naturalmente, o termo substância em Misrahi não tem nenhuma conotação substancialista, reificante, mas sim o sentido de densidade significativa). Isto é, Misrahi chama de sujeito, simplesmente, o existente humano, e ele integra o desejo e a consciência de si (que ele denomina reflexividade). Para Misrahi, o sujeito é a consciência humana enquanto ela é simultaneamente desejo e reflexividade. Ele insiste sobre esse elo sujeito e desejo (cf subtítulo do livro: “La jouissance d’être – le sujet et son désir”). Por isso ele emprega com frequência a expressão: desejo-sujeito. É que quase sempre o desejo é visto pelos contemporâneos como a parte mais importante da existência, mas ao mesmo tempo como uma parte obscura, uma força mais ou menos consciente, impulsiva, que escapa à

razão. É nesses termos que Schopenhauer descrevia o desejo em *O Mundo como representação e como vontade*, simplesmente como pulsão do *querer-viver* que se incarna no ser humano. Para a maioria dos contemporâneos, confortados pela teoria psicanalítica, portanto, o desejo é cego, pulsional, inconsciente. Assim sendo, não se pode compreender, objeta Robert Misrahi, que em algum momento esse desejo, “inconsciente de si”, possa assenhorar-se de si, possa tornar-se consciente. (Aqui, Misrahi parece subscrever a análise de Pierre Raikovic em *Le sommeil dogmatique de Freud*, Ed Synthélabo, 1994). E vai propor a idéia segundo a qual o desejo é *desde já* consciência de si, é desde já sujeito: desejo e sujeito são idênticos, o sujeito é desejo, o desejo é sujeito.

#### 4. Misrahi e a definição de sujeito

Sujeito quer dizer o que? Quer dizer, não consciência clara de si como domínio, mas simplesmente consciência de si como identidade. E essa consciência de identidade não é um *conhecimento*, a consciência que tenho de mim mesmo é o simples fato dessa consciência imediata, espontânea. Eu vivencio que eu que estava aqui à mesa de manhã cedo, sou o *mesmo*. Sou eu que estava hoje cedo à mesa e que estarei à mesa hoje à tarde. O sujeito, para Misrahi, é a identidade. Mas essa identidade, é ao mesmo tempo, identidade de uma afetividade. Esse indivíduo que é consciente dele mesmo, que é idêntico a si mesmo, que está presente a si mesmo – e que a título de simples *presença a si* Misrahi chama de *reflexividade* e não ainda reflexão propriamente dita -, esse sujeito, que é presença a si, simples reflexividade, é ao mesmo tempo desejo concreto. É o desejo concreto que é presença a si.

#### 5. O ser concreto é transcendência

Essa filosofia do Desejo-Sujeito é um apelo a uma reflexão que vai se despojar do hábito cientificista,

isto é, do hábito de conhecimento pela exterioridade. Misrahi, ao contrário, se engaja na linha dos fenomenólogos, para quem a verdade tem que ser fundamentada a partir de uma reflexão do sujeito, reflexão sobre os objetos que ele terá a conhecer, e antes de tudo, reflexão sobre si mesmo, seja ele como pessoa concreta, seja ele como sujeito geral. O método fenomenológico, que ao mesmo tempo é uma crítica do cientificismo, do objetivismo, da reificação do sujeito, consiste em revelar uma existência concreta, um sujeito concreto que é justamente transcendência, que está além do tempo e do espaço, além da simples presença material, imediata em que se encontra o indivíduo. Misrahi toma emprestado um termo da fenomenologia, em especial da fenomenologia sartriana, e diz que o sujeito é *transcendência*. Transcendência, naturalmente, não como ultrapassagem vertical, para cima, para um outro mundo. Na fenomenologia, a transcendência da consciência designa o fato de que a consciência é, em essência, ultrapassagem de si mesmo rumo ao seu próprio futuro. Fora esse *explodir-se para* o outro que não ela mesma e que a constitui essencialmente, não tem sentido falar de consciência. Mas essa transcendência é forçosamente transcendência da materialidade onde ela se encontra, ultrapassagem rumo ao horizonte, rumo às dimensões do espaço onde o indivíduo poderá ir e se dirigir. O sujeito é sempre um movimento, no tempo e no espaço. Escreve Sartre: “A consciência é clara como um grande vento, nada mais há nela, salvo um movimento para se escapar, um resvalamento para fora de si; se, ainda que impossível, vocês entrassem ‘em’ uma consciência, seriam tomados por um turbilhão e lançados para fora, próximos à árvore, em plena poeira, pois a consciência não tem ‘dentro’; ela nada é senão o fora de si mesma e é essa fuga absoluta, essa recusa de ser substância que a constituem como uma consciência”<sup>5</sup>. Misrahi adota integralmente essa descrição, e acrescenta: ao mesmo tempo o indivíduo está presente a todos esses

lugares, a todos esses momentos da ultrapassagem. E qual é a primeira consequência de tudo isso? Que o sujeito não é somente um desenvolvimento mecânico: ele é uma *intencionalidade*. Isto é, o sujeito é um movimento de desejo que ultrapassa a realidade para realizar uma realidade efetuada, sua própria realidade efetuada. O mundo, tal como se vive subjetivamente, o sujeito tenta aperfeiçoá-lo. Em outras palavras, o indivíduo integralmente é transcendência em relação à pura presença material das condições da existência.

## 6. O conteúdo dos valores é relativo mas sua significação é absoluta

Compreendido como *transcendência*, o indivíduo humano é quem vai criar o futuro, criar o desejável, o desejável que será valorizado: o indivíduo vai criar valores. É preciso, enfatiza Misrahi, ter sempre viva a idéia de que é o sujeito que coloca as significações do objeto, e não o objeto que cria o sujeito. Não perder isso de vista é fundamental, pois, frequentemente somos tentados a afirmar que o objeto (a sociedade, a economia, etc) se impõe a nós, quando na verdade — eis o legado essencial de Husserl — o sujeito é o fundador das significações, fonte absoluta de todo o sentido. Os valores, ressalta Misrahi, são diferentes, plurais, quanto ao seu conteúdo, seja ele material ou imaginário, todavia convergem para algo comum. Essa idéia é apresentada em sua obra intitulada “Construção de um castelo”<sup>6</sup>: vários caminhos convergem num castelo. O que deve ser compreendido da seguinte forma: o trabalho reflexivo sobre si mesmo constitui um caminho que é próprio de cada um, mas o conjunto desses caminhos levam, não a um castelo, mas ao castelo, que não seria uma felicidade, mas a felicidade. O narrador trabalha na construção de seu próprio absoluto, mas esse absoluto, construído pelas vias singulares de cada um, finalmen-

<sup>(5)</sup> Sartre, *Situations, Uma idéia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade*.

<sup>(6)</sup> *Construction d'un chateau*, Seuil, 1995.

te será comum. Comum não no conteúdo (material ou imaginário), mas na sua significação. Que significação é essa? A realização do desejo na reciprocidade. É preciso vencer, diz Misrahi, o preconceito comum segundo o qual o desejo não pode ser satisfeito: a realização do desejo é precisamente o objeto comum – o castelo – de toda a humanidade.

Essa efetuação do desejo comporta o que Misrahi chama de *universais*, a saber: a reflexão, a conversão filosófica, a reciprocidade. São universais exigíveis na construção do castelo. A maneira como os indivíduos vão realizar, mesmo de forma reflexiva, a reciprocidade, tal maneira pode ser original. Alguns, por exemplo, a realizarão em certas atividades comuns, e as atividades serão diferentes: artísticas, esportivas, científicas, amorosas, cooperativas. Mas, por exemplo, dentre as atividades artísticas: *que arquitetura? que pintura? que música? que literatura?* A liberdade humana é uma potência de invenção infinita, um poder demiurgo, como diz Bachelard. É nesse poder que reside a efetuação do desejo. Misrahi traça alguns eixos fundamentais e constitutivos da existência humana (reflexão, conversão, reciprocidade, satisfação) e é sobre eles que o filósofo deve refletir. Mas tudo isso é ao mesmo tempo um apelo à invenção pessoal da modalidade concreta de realização desses eixos. O objetivo sendo naturalmente o gozo, a felicidade. Cada um, para além da reciprocidade, da conversão e da reflexão vai realizar seu desejo de modo original e único, inventar sua própria vida.

## 7. A felicidade como valor supremo

Misrahi se reclama de uma filosofia eudemonista (do grego *eudaimonia* que significa felicidade<sup>7)</sup>. Que felicidade é essa? Não se trata para Misrahi de um simples conteúdo de consciência, isto é, do conteúdo qualitativo de um desejo empírico que atinge seu objetivo (por exemplo, o torcedor que vê seu time ganhar). A felicidade na obra de Misrahi é exigente, rigorosa, radical. Isso não significa que o sujeito não

deva perseguir os objetivos que vão satisfazê-lo empiricamente. A felicidade, para Misrahi, é a experiência qualitativa da existência enquanto ela pode ser identificada a um *ser*, isto é, é a experiência qualitativa constante da existência sendo ela mesma vivida como densidade (densidade de sentido), apreendida como experiência vivida que não depende de um sucesso material para se concretizar. O torcedor, por exemplo, *precisa* da vitória do seu time para sentir-se feliz. Aqui não, a existência precisa de *muito mais* – não forçosamente de ocasiões empíricas –, ela precisa de todo o trabalho filosófico que Misrahi detalha em sua obra. Esse trabalho filosófico é destinado a criar uma certa subjetividade, uma certa maneira de ser: a felicidade é a apreensão de si por um sujeito que atingiu uma nova maneira de ser, uma nova existência. Assim, a felicidade é o conteúdo qualitativo que somente pode ser apreendido e descrito pela filosofia.

## 8. O tempo como atividade de ser: a existência substancial

Esse conteúdo qualitativo é sempre atual – a felicidade é uma experiência *presente* – e no entanto, temporal, pois é movimento. Atual e temporal, a felicidade é ao mesmo tempo a experiência de uma espécie de *liberação* em relação ao tempo, e a experiência de uma espécie de intemporalidade. Uma intemporalidade paradoxal, vivida no tempo: por um lado, o indivíduo se sente ele mesmo em acordo consigo mesmo, feliz de ser, e ao mesmo tempo, ele sente que esse acordo consigo mesmo confere uma significação que ultrapassa o instante presente da consciência de si. É uma espécie, diz Misrahi, de retorno sobre si que é uma justificação do sentido de toda a existência. Ou seja, há uma reflexão sobre o momento presente que faz com que esse presente ultrapasse a si mesmo. A felicidade, diz Misrahi, é o sentimento qualitativo de uma existência que recebe uma densi-

<sup>(7)</sup> Tradicionalmente, eudemonismo diz respeito à filosofia que se propõe a definir a felicidade assim como as vias de acesso a ela: Platão, Aristóteles, Espinosa, Epicuristas. Hoje, entendemos o conjunto de princípios que permitem orientar uma ação e de conduzir a existência à felicidade, ao pleno desabrochamento, à fruição e à felicidade.

dade na medida em que lhe é atribuída uma significação: a existência torna-se densa porque ela torna-se significativa. O tempo é assim transformado: ele não é mais a dissolução do efêmero, mas ao contrário, a satisfação da criação da existência como obra.

Nesse instante, pode-se falar, diz Misrahi, de uma *experiência de ser*. Não se trata da experiência passageira da intuição do Ser: trata-se da experiência de si mesmo como atividade de ser, atividade densa, significativa, *substancial*. A consciência permanece temporal, mas seu dinamismo não é destruidor como frequentemente é descrito pela literatura e algumas filosofias existenciais, inclusive a de Sartre. Segundo Mishahi, Sartre sempre considerou que o ser é sinônimo de coisa, e sua doutrina do Para-Si como movimento do nada, nunca poderia levá-lo ao Ser. Mas, ser, diz Misrahi é um verbo que designa uma existência densa, plena, rica e fecunda em significação.

## 9. O sujeito unificado: sentido e satisfação

Naturalmente essa experiência de plenitude requer, como já fora dito, uma fundamentação reflexiva do sujeito por si mesmo para que ele entre no regime de autonomia. A felicidade não é somente a felicidade de se obter a autonomia, pois para Misrahi, a liberdade não é seu próprio fim: ela é o meio indispensável do acesso ao ser, à plenitude. O fim da liberdade não é a liberdade, é a felicidade, isto é, uma certa modalidade da apreensão da existência por si mesma. Esta apreensão é feliz na medida em que ela é a apreensão de um acordo do sujeito consigo mesmo. Mas não se trata de um acordo formal, pois o acordo consigo mesmo é fonte de prazer, é fonte de uma felicidade de existir. A experiência de ser é o acesso a um sujeito unificado, unificado na

medida em que é fonte de si mesmo (autônomo), o qual pode se rejubilar livremente de existir. A experiência de ser — a felicidade — é para Misrahi a adequação a si mesmo não somente como constatação racional mas igualmente como vivência intuitiva. É nesse instante que o sujeito pode alçar vôo na existência sem precisar lutar contra tais e tais negatividades, interiores ou exteriores, para se construir. Ele é construído, ele é *causa de si*, fonte de seus valores, fins, ações, escolhas, ele é sua própria justificação. Ele pode fazer então realizar o inventário de seus caminhos, possibilidades, capacidades, consagrar-se a uma nova era, a do prazer e da satisfação de existir. A ética, diz Misrahi, é uma filosofia que procura definir e orientar os caminhos da existência e ela só pode ser uma filosofia da felicidade. Pois a existência é a existência de seres humanos, seres que são essencialmente desejo, isto é, um dinamismo qualitativo e significativo rumo à sua própria repleção, plenitude. O desejo visa, não à sua supressão, mas à sua satisfação, à fruição de si mesmo: o gozo é a consciência que o indivíduo tem de vivenciar a satisfação. Portanto, desejo e satisfação são vivências concretas, são consciências de si: o desejo não é sempre racional e justificado, mas é sempre inteligível e compreensível, porquanto portador de um sentido. A felicidade, entendida por Misrahi como conversão filosófica, como trabalho de indagação e reestruturação do homem acerca de si e do mundo, é a tomada de si efetuada por um indivíduo que se eleva a uma nova modalidade de existência. O fim supremo da existência é o gozo de ser, uma espécie de perfeição e plenitude que abarca duas dimensões: significação e satisfação. Em suma, a felicidade como gozo *de ser*, encontra nessas palavras de Montaigne, sua tradução verdadeira: “é uma perfeição absoluta, como divina, de saber gozar lealmente de seu ser”<sup>8</sup>...

<sup>(8)</sup> “C’est une absolue perfection, et comme divine, de savoir jouir loyalement de son être”, Montaigne, *Essais* III, 13.